

# A MELANCOLIA, O ÓDIO E O OBJETO

MELANCHOLY, HATE AND THE OBJECT

MELANCOLÍA, ODIO Y EL OBJETO

Sissi Vigil Castiel<sup>1</sup>

**Resumo:** Vivemos um luto pela ruína de ideias culturais estimadas e reverenciadas até então e como resposta das subjetividades percebemos cada vez mais um estado de melancolização. Assim, a melancolia, desde formas mais severas até manifestações mais atenuadas, tem feito o dia a dia da clínica psicanalítica. O texto trabalha a melancolia desde o viés do ódio dirigido a um objeto primário carente de importância na vida psíquica do sujeito a quem ele denuncia pelo seu não olhar. Pretendo situar a problemática do ódio ao objeto primário em postulações freudianas e de André Green, dada sua fecundidade para uma reflexão sobre o tema da melancolia. Especialmente, entendo que a articulação entre o narcisismo e a pulsão de morte possibilita aberturas para uma compreensão das subjetividades melancólicas.

**Palavras-chave:** Melancolia. Ódio. Narcisismo. Pulsão de morte. Clínica psicanalítica.

*Abstract: We experience mourning for the ruin of cherished and revered cultural ideas and as a response to subjectivities we increasingly perceive a state of melancholy. So melancholy, to more severe forms to more attenuated manifestations, has become part of the day-to-day life of the psychoanalytic clinic. The text works with melancholy from the perspective of hatred directed at a missing primary object, lacking importance in the psychic life of the subject whom it denounces for not looking. I intend to situate the problem of hatred of the primary object in Freudian and André Green postulations, given their fertility for a reflection on the theme of melancholy. In particular, I understand that the articulation between narcissism and the death drive allows openings for an understanding of melancholic subjectivities.*

**Keywords:** Melancholy. Hatred. Narcissism. Death drive. Psychoanalytic clinic.

*Resumen: Experimentamos duelo por la ruina de ideas culturales preciadas y veneradas hasta entonces y como respuesta de las subjetividades percibimos cada vez más un estado de melancolía, de modo que la melancolía, desde formas más severas hasta manifestaciones más atenuadas, se ha convertido en parte del día a día de la clínica psicoanalítica. El texto trabaja la melancolía desde la perspectiva del odio dirigido a un objeto primario desaparecido, carente de importancia en la vida psíquica del sujeto al que denuncia por no mirarlo. Pretendo situar el problema del odio al objeto primario en los postulados freudianos y de André Green, dada su fertilidad para una reflexión sobre el tema de la melancolía. En particular, entiendo que la articulación entre narcisismo y pulsión de muerte permite abrir puertas para una comprensión de las subjetividades melancólicas.*

**Palabras clave:** Melancolía. Odio. Narcisismo. Pulsión de muerte. Clínica psicoanalítica.

---

<sup>1</sup> Psicanalista, doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, coordenadora de seminários e supervisora da formação em psicanálise. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6111-8168>. E-mail: [sissi.castiel@gmail.com](mailto:sissi.castiel@gmail.com)

A melancolia como estado humano atravessa a história na cultura e na literatura, como retoma Starobinski em seu livro *A tinta da melancolia* (2016), aparecendo já desde Homero. Na *Odisseia*, foi descrita como um abandono do sujeito pelos deuses. Estes últimos precisam validar a ação do homem, caso contrário ele seria condenado à solidão e à tristeza. E quando isso acontece, sentem-se desertados.

Através da história e da literatura, percebe-se, no cerne da melancolia, uma denúncia da mentira que subjaz aos poderes estabelecidos. Os melancólicos recusam a ilusão da aparência, é uma maneira de estar no mundo, uma forma de contracorrente, mas para o psicanalista que se ocupa das subjetividades importa também pensar que os melancólicos sofrem na própria carne as consequências dessa denúncia.

Em *A metamorfose* de Kafka, percebemos a dimensão do não lugar de Gregor Samsa, como um inseto na vida do outro, a denúncia da mediocridade do objeto odiado por sua ausência e sua indiferença, mas paradoxalmente permanece aprisionado nessa condição. Igualmente, em *Bartleby* de Melville também se enxerga a denúncia de um sujeito que prefere o isolamento dos objetos como consequência de um não lugar. Na melancolia, a denúncia não gera movimento.

A forma melancólica de existir atravessou os tempos, mas a melancolia veste as roupas de sua época. Na nossa, a violência e a destrutividade entre os sujeitos, em relação à cultura e ao meio ambiente, têm sido o *modus operandi* deste século, transformando-se nos elementos centrais de nosso mal-estar, demonstrado por muitos autores, entre eles Alain Badiou (2007). Assim, podemos pensar na pandemia e na catástrofe climática que nos ocorreu como desdobramentos desse status quo. Eventos que ainda estão presentes de maneira marcante em nosso imaginário. Vivemos um luto pela ruína de ideias culturais estimadas e reverenciadas até então e como resposta das subjetividades percebemos cada vez mais um estado de melancolização. Assim, a melancolia, desde formas mais severas até manifestações mais atenuadas, tem feito o dia a dia da clínica psicanalítica.

Dentre tantos aspectos que caracterizam a melancolia, vou me referir, mais especialmente, a formas com as quais me deparo na clínica, onde aparece ódio dirigido a um objeto primário faltante, carente de importância na vida psíquica do sujeito a quem ele denuncia pelo seu não olhar. Pretendo situar a problemática do ódio ao objeto primário em postulações freudianas e de André Green, dada sua fecundidade para uma reflexão sobre o tema da melancolia. Especialmente, entendo que a articulação entre o narcisismo e a pulsão de morte possibilita aberturas para uma compreensão das subjetividades melancólicas (CASTIEL, 2019).

Allouch (2004) situa a melancolia como uma atitude particular frente à castração. Green a define como uma forma de destrutividade cujo mecanismo dominante é um luto insuperável. O autor entende a melancolia como decorrência das relações entre narcisismo e pulsão de morte, acrescentando a questão de um narcisismo negativo tendente ao zero que difere de um narcisismo tendente à unidade do ego (GREEN, 1996). Da formulação do autor se pode pensar que as falhas na estruturação do narcisismo decorrentes de um objeto insuficiente implicam a não elaboração do ódio frente a esse objeto, o que redundará no desligamento característico da pulsão de morte.

De minha parte, penso que é preciso situar o estatuto da perda na melancolia. Freud afirma que não necessariamente se trata de uma perda real, mas pela impossibilidade de elaborá-la, a sombra do objeto recai sobre o ego (FREUD, 1986d). Em termos da constituição do psiquismo, a alternância entre presença e ausência do objeto é elemento indispensável para a estruturação do narcisismo e do ego, questão abordada por Freud no exemplo do *fort-da*. É a partir desse exemplo que Lacan pontua a importância da ausência do objeto para que haja desejo. O *fort-da* em Freud, ou objeto a em Lacan, ou o trabalho do negativo em Green, responde pelo papel estruturante que representa para o sujeito a ausência materna, no sentido de que a simbolização ocorre na ausência da coisa real. Antes de perder-se, o objeto

existe, no entanto, é sua perda que o faz existir quanto tal; é preciso ausência para que haja representação.

Entendo que na melancolia, dada a insuficiência da presença do objeto, sua ausência é tratada com negatividade; assim, a perda não se efetiva, porque o sujeito e o objeto permanecem fusionados. Dentro desse contexto, trata-se de um luto interminável. A falta da presença materna adequadamente reiteradamente implica que o sujeito se mantenha destituído de subjetividade, em uma estrutura narcisista negativa marcada pelo não ser. Trata-se de um não objeto que, através do seu não olhar, perpetua-se no sujeito, impossibilitando a separação sujeito/objeto. E é esta falta de presença adequada que o sujeito denuncia e, dessa forma, o ódio é dirigido ao objeto. A partir daí percebe-se que um circuito se estabelece: impossibilidade de luto, ódio ao objeto, indistinção sujeito/objeto, desligamento e encerramento narcisista.

A sombra do objeto a quem o sujeito odeia recai sobre o ego, ocupando o centro da cena, na forma de uma incorporação oral marcada pela destrutividade da pulsão de morte. A incorporação do objeto coloca ênfase na destruição e na autodestruição como manifestação da pulsão de morte; não é a identificação secundária da histeria, é a identificação primária que não joga com as palavras.

Se entendemos que o superego é, em síntese, o outro dentro do sujeito, a natureza da incorporação do objeto implica o caráter severo ou protetor do superego. Este último é inconsciente e ainda que expresse a autoridade dos pais e a moralidade, constitui a expressão mais poderosa dos impulsos libidinais e preservará para sempre o caráter dos objetos introjetados para o bem e para o mal. Freud diz que o superego desce fundo no id e por isso acha-se mais distante da consciência que o ego. Então, é uma parte especial deste e capaz de dominá-lo (FREUD, 1986f).<sup>2</sup>

Minha leitura é a de que quando os objetos libidinais incorporados ao superego são eminentemente falhos no seu papel de narcisização do sujeito, a pulsão de morte domina, em um narcisismo mortífero; não é desviada para fora nem ligada a Eros, a maior parte dela faz um trabalho interno de destrutividade através do superego. A destrutividade volta-se contra o ego e o superego torna-se cultura pura da pulsão de morte, nas palavras de Freud (1986f). A desfusão pulsional é a fonte da severidade do superego, que se torna cruel e sádico com o ego, que se transforma em masoquista (CASTIEL, 2024).

Existem duas formulações de Freud a respeito da separação entre o ego e o objeto e sua relação com o ódio, que se tornam importantes para uma compreensão da impossibilidade de elaboração da perda. Em 1915, afirma que o ego é investido pelas pulsões em um estado narcisista capaz de satisfazer-se, o prazer para o ego e a indiferença para o mundo externo que não está investido com interesse nesse momento é indiferente no que diz respeito à satisfação do sujeito (FREUD, 1986g). Não é do mundo externo que vem a satisfação, tendo em vista que, para o sujeito, a mãe de onde provém a satisfação é parte dele mesmo. Desde sua onipotência narcísica, ele provê a satisfação. E por causa dessa onipotência, não enxerga o objeto separadamente. Essa tendência é contemporânea à organização narcisista. Posteriormente, as frustrações pontualmente causadas pela não satisfação pelo objeto implicarão a decepção e o ódio para com o objeto que não satisfaz. Portanto, o ódio aparece com a descoberta do objeto em separado, com a tomada de consciência de sua independência e indisponibilidade; isto coloca a questão do aparecimento do ódio como vinculada à separação sujeito/objeto. É por isso a frase “o objeto se conhece no ódio” (GREEN, 2006).

No entanto, como o objeto que se odeia é o mesmo que se ama, recalca-se o ódio como forma de proteger o objeto amado. A frustração proporciona um objeto distinto do sujeito e a elaboração do ódio à mãe que frustra. A mãe é necessária como objeto incorporado para que o ego do prazer purificado se constitua, mas também para que a excorporação do mal seja

---

<sup>2</sup> Freud afirma que a melancolia se baseia em um conflito entre o ego e o superego, denominando-a de psicose narcísica em *Neurose e psicose* (FREUD, 1986e).

recolhida por ela a fim de que possa adquirir sentido, ou seja, é preciso um objeto presente o suficiente que seja amado para ser odiado, e por isso ser diferenciado do ego pela frustração que causa. É a partir disso que o ódio pode ser contido em nome do amor pelo objeto. A separação sujeito/objeto proporciona complexização ao psiquismo, pois é a distância do objeto que permite representá-lo e, assim, cria a possibilidade de funcionamento do psiquismo através do princípio do prazer e a capacidade de pensar, já que pensar o objeto implica a separação dele.

Por outro lado, a formulação de Freud de 1925, relacionada à separação sujeito/objeto, diz respeito a que tudo o que é bom é incorporado e tudo o que é mau é expulso. Afirma Freud: “Aquilo que é mau, que é estranho ao ego e aquilo que é externo são, para começar, idênticos” (FREUD, 1986a, p. 297). Assim, o exterior é identificado com o que é estranho, odiado e mau, diferentemente da formulação de 1915, na qual o que era expulso se tornava indiferente. Nesse caso, a distinção entre bom e mau precede a de ego/objeto. Aqui o ódio é primário. O mau que é expulso é desligado e cai sob o domínio da pulsão de morte.

Essa formulação põe em cena a questão de que quando os desencontros entre a mãe e o bebê são o mais evidente, ocorre a descarga do pulsional sem direcionamento, de forma desligada, o que impede a retenção de marcas mnêmicas. Esse parece ser o caso da melancolia na qual o ódio é primário, expulso de forma desligada sem poder contar com o auxílio do objeto para sua ligação e elaboração. Nessa mesma linha, no *Manuscrito G*, Freud (1986c) se refere à melancolia como uma hemorragia interna que traduz um empobrecimento pulsional, ocorrendo uma retração na esfera psíquica que produz uma sucção das quantidades. Trata-se de descarga.

As duas formulações de Freud sobre o ódio, feitas com 10 anos de diferença, permitem pensar sobre a mudança de posição de Freud. Em minha opinião, a formulação de 1915 tem como fundamento a estruturação neurótica, cujos dados de base são a representação e o recalque. Já a segunda formulação permite pensar em subjetividades para além da neurose que não tem como dados de base o recalque e a representação. Essa mudança se ancora na constatação da força pulsional em contraposição à representação. Desde o ponto de vista da força, a pulsão impele ao atuar, ao repetir, sendo a representação um destino e não algo originário no psiquismo. Destino que depende de objetos que tenham sido constituídos para a realização da ação específica e a conseqüente vivência de satisfação, e que por isso torna-se modelo da satisfação buscada posteriormente.

A genealogia dos conceitos permite pensar que as falhas na estruturação do narcisismo, a pulsão de morte e a repetição enunciados anteriormente por Freud se articulam e permitem as postulações dos textos de 1924/25.<sup>3</sup> Efetivamente, a questão da realidade, a postulação da cisão, bem como uma nova formulação sobre a problemática do ódio, possibilitam pensar em subjetividades que funcionam para além da neurose e, especialmente, permitem pensar no ódio ao objeto na melancolia.<sup>4</sup> É interessante lembrar que no ano que vem comemoraremos 100 anos da publicação de *A negativa*, texto que mantém vigente sua atualidade e proporciona aberturas na forma de compreender a psicopatologia quando articulado a autores contemporâneos. É curioso constatar que muitas vezes os psicanalistas não retêm postulações freudianas, entendendo que não são atuais, mas esquecem da importância de retomar conceitos e tensioná-los com autores contemporâneos de forma a complexizar o pensamento psicanalítico.

---

<sup>3</sup> Refiro-me aos textos *Neurose e psicose* (1986e) e *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1986b), juntamente com *A negativa* (1986a).

<sup>4</sup> André Green (2001) aponta para uma mudança de paradigma em Freud do modelo do sonho que acompanha a primeira tópica, a primeira teoria das pulsões e a técnica centrada na associação e no sonho para o modelo do ato de acordo com a segunda tópica, a segunda teoria das pulsões e o enfrentamento na clínica da repetição, da atuação e da somatização.

Retornando à questão, objeto e sujeito permanecem fusionados, num luto interminável, já que o objeto se instala dentro do sujeito repetindo uma frustração eterna, e o ódio, como sentimento em relação a um objeto sempre decepcionante, mas de que não permite separar-se, não permite a si mesmo fazer o luto, permanecendo fixado a ele. O sujeito tenta se isolar através de um retorno narcisista como uma reivindicação de autonomia em relação ao objeto. Trata-se de lidar com a exclusão, excluindo-se. Adam Phillips (2024), em *Sobre desistir*, aborda a questão do excluir-se como forma de lidar com o ser excluído. No entanto, é um narcisismo mortífero que esse excluir-se comporta, através do qual o sujeito tenta se proteger da invasão destruidora do objeto. É paradoxal. Se o objeto desaparecesse, o sujeito se esvaziaria; mantendo o objeto, o sujeito exerce sua destrutividade sobre si mesmo de forma imobilizada. Lembra Sísifo. Essa situação está de acordo com o que aponta Green: o masoquismo na melancolia encobre o narcisismo mortífero.

Do ponto de vista da clínica, se o encerramento narcisista preside as relações do sujeito, de que forma se estabelece a transferência? Trata-se de uma transferência narcisista, transferência de não transferência. A reação terapêutica negativa é uma possibilidade sempre à espreita. A repetição é a manifestação mais patente, na medida em que o sujeito está imobilizado frente a um objeto e obstinadamente renova seu aprisionamento mortífero em um retorno narcisista através do qual se protege, excluindo-se, vivendo de forma robotizada, cumprindo protocolos. É como se suas vidas próprias não fossem importantes. A ideia de não ser nada para o outro, a insuficiência de si, impede esse processo porque ser para o outro é mais importante do que ser. Com isso, as experiências vividas não são apropriadas, são ações marcadas pela angústia e pelo automatismo da repetição que não permitem uma gradativa complexização do aparelho psíquico, ficando este entregue a modos deficitários de tramitação. Desde essa perspectiva, é parte importante da análise a construção de marcas mnêmicas, de representação, de subjetivação como na melancolia.

Frequentemente, na análise, não há espaço para o analista. Como um reflexo do que acontece dentro desses sujeitos, descarregam-se das coisas sem se envolver com elas. A frustração do bebê diante da demora da mãe permite pensar que o tempo do outro é um elemento importante para a instalação do princípio de realidade e para a separação sujeito/objeto. Assim, a mãe que não se desespera diante da frustração da criança é um modelo para a contratransferência, de poder escutar sem se emaranhar na descarga, em uma posição terceira, podendo ampliar os elementos do discurso que podem auxiliar na subjetivação do vivido.

Green (2006) destaca que nos pacientes limite, a presença do analista é essencial. Entendo que o analista tem como meta o estabelecimento de um processo gradual de narcisização que acontece na análise, através da experiência de ser escutado e de escutar-se, no sentido do compartilhamento com o outro, analista, que acolhe e por isso lhe dá um lugar. Isto inaugura a experiência de ser para o outro — pilar do narcisismo, e com isso a ligação da força pulsional, permitindo transformar pulsão de morte em Eros, o que implica que a pulsão possa se desgarrar de seus destinos mais aprisionadores e transitar por destinos mais elaborados. O analista precisa manter em si o desejo e a aposta no analisar, que é certamente um dos fatores que permitirão a transformação do mortífero no paciente.

Entendo que o trabalho da análise se refere a representar, construir marcas do vivido como uma atitude técnica que visa à representação e à simbolização. A construção de marcas mnêmicas do vivido se relaciona ao papel das novas marcas que se associam às anteriores e que põem o psiquismo a trabalhar, isto é, a ligação em contraposição à descarga. O encontro do analista com o pulsional do sujeito implica uma contenção da pulsão em contraposição à sua descarga. É preciso um trabalho de ligação: verbalizar essas vivências é parte do representar, mas a outra parte é dar significado a elas, poder interiorizar o que é seu, para poder se diferenciar do objeto; o efeito subjetivante de falar em nome próprio e de testemunhar os efeitos em si do que experimenta na sua vida.

**REFERÊNCIAS**

- ALLOUCH, J. *Erótica do luto no tempo da morte seca*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.
- BADIOU, A. *O século*. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.
- CASTIEL, S. 100 anos de O eu e o id: leituras contemporâneas. *SIG Revista de psicanálise*, 2024.
- CASTIEL, S. *Narcisismo, pulsões e sexualidade: repercussões clínicas*. São Paulo: Escuta, 2019.
- FREUD, S. A negativa. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986a. v. XIX. (Trabalho original publicado em 1925).
- FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986b. v. XIX. (Trabalho original publicado em 1924).
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho G. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986c. v. I. (Trabalho original publicado em 1895).
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986d. v. XIV. (Trabalho original publicado em 1917).
- FREUD, S. Neurose e psicose. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986e. v. XIX. (Trabalho original publicado em 1924).
- FREUD, S. O ego e o id. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986f. v. XIX. (Trabalho original publicado em 1923).
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986g. v. XIV. (Trabalho original publicado em 1915).
- GREEN, A. *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- GREEN, A. *El Trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- GREEN, A. *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba, 1996.
- PHILLIPS, A. *Sobre desistir*. São Paulo: Ubu, 2024.
- STAROBINSKI, J. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.